

Expressões idiomáticas e variação terminológica: possíveis interfaces

Idiom and conceptual variations: possible interfaces

Fabiane de Oliveira Alves
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo contribui ao estudo das Expressões Idiomáticas (EI) sob a perspectiva da variação terminológica. Objetiva verificar a hipótese de que essas construções (relativamente) fixas apresentam graus de variação, que ocorrem em função do contexto, com manutenção ou alteração do sentido. A variação a que as EI são passíveis não se relaciona meramente às adequações número-pessoais, mas também ao contexto discursivo, que atribui uma (pen)última camada em sua estrutura de significação. O constructo teórico que embasa esta pesquisa apoia-se na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), pois comporta a possibilidade de variação e considera o termo como um componente da língua exposto a influências internas e externas. Dentre as inferências a que se pôde chegar estão: (i) a variação nas EI ocorrem em diferentes níveis de equivalência conceitual em relação à EI referencial; (ii) há certa (co)relação entre o sentido literal das partes que compõem a EI; (iii) o contexto discursivo, agente de variação, acrescenta uma camada de sentido à EI.

Palavras-chave: Expressão idiomática; Termos; Variação

Abstract: This article contributes to the study of idioms from the perspective of conceptual variation. It aims to verify the hypothesis of these (relatively) fixed constructions present degrees of variation, which occur depending on the context, with maintenance or alteration of the direction. The variation to which idioms are liable is not related merely to the number-personal adjustments, but also to the discursive context, which assigns a (pen) last layer in the meaning structure of these phraseology. The theoretical construct that supports this research is based on the Communicative Theory of Terminology (TCT), considering that it includes the possibility of variation and considers the term as a component of the language exposed to internal and external influences. Among the inferences that could be drawn are: (i) the variation in idiomatic expressions occurs at different levels of conceptual equivalence in relation to the canonical form; (ii) there is a certain (co)relation between the literal meaning of the parts that make up the idiom and the compositional; (iii) the discursive context, an agent of variation, adds a layer of meaning to idiom.

Keywords: Idiom; Terms; Variation



1 Introdução

Este artigo investiga alguns aspectos das Expressões Idiomáticas (doravante EI) sob a perspectiva que as toma como estruturas conceituais. Para isso, à guisa de possíveis interfaces, levou-se em consideração a contribuição interdisciplinar da Terminologia – mais precisamente da variação terminológica – para o estudo das EI.

Isso porque, embora as EI sejam tidas como estruturas (relativamente) fixas, é possível notar que, em uso, apresentam graus de variação de forma e/ou conteúdo, os quais, em função do contexto discursivo, podem ir desde simples adaptações morfossintáticas, até alterações mais acentuadas decorrentes do entorno discursivo e do efeito semântico pretendido.

Algumas das hipóteses que se pretende averiguar são: (i) o sentido das EI ganha sua (pen)última¹ camada de significação no discurso; (ii) o contexto discursivo opera como motivador da variação de EI; e (iii) as variações podem ocorrer com manutenção ou com alteração do sentido da EI referência².

Assim, adota-se a premissa de que EI são unidades lexicais complexas que sintetizam uma unidade de sentido. Tem-se, portanto, que correspondem, nos limites deste artigo, a unidades terminológicas (termos), dada sua estrutura segmental que carregam em si um conceito.

2 As expressões idiomáticas

Embora as fronteiras definitórias que delimitam o conceito de EI sejam perenes e de difícil distinção, este artigo as considera como fenômeno linguístico morfossintático multifacetado e atemporal, que compõem a fraseologia de uma língua atuando como um vocabulário complementar na linguagem do cotidiano, as quais expressam, por meio de metáforas, eufemismos, disfemismos, metonímias, o modo de ver o mundo do falante em relação às pessoas e à sociedade (URBANO, 2018) por meio desse tipo de “pré-fabricado linguístico” (ERMAN; WARREN, 2000).

¹ De uma perspectiva dialógica, a última camada de significação ficaria a cargo do interlocutor.

² Adota-se “EI referência” para designar a forma canônica, frequentemente mais registrada em dicionários.

Pode-se ainda dizer que as EI se apresentam em forma de bloco segmental e têm sentido não composicional. Destarte, **inventar moda**, em sentido idiomático, significa “Ter comportamento ou ideia que fogem ao que seria normal ou esperado” (MELLO, 2009, p. 275, grifo nosso). Note-se diferença entre (i) “**Inventando** a contra-mola que resiste” e (ii) “A **moda** é abordada como um fenômeno sociocultural [...]”. Tomadas individualmente, **inventar** e **moda** têm sentidos diversos aos do conjunto **inventar moda**. Sobre isso, Biderman (2001, p. 109) lembra: “Cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas categorias gramaticais e lexicais”. Sendo as EI parte do inventário lexical de uma língua, condensam um modo de ver o mundo por meio de estruturas típicas que mantêm níveis de equivalência semântica com outros modos de dizer algo e fazem-no “[...] de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objetos ou de estados de coisas” (VILELA, 2002, p. 161). Isso ocorre de forma tal que as EI não apenas atuam como (paras)sinônimos dos correspondentes semânticos, mas também o fazem de modo mais expressivo, emprestando efeitos de sentido ao discurso que integram.

Outro ponto relevante a ser mencionado diz respeito à constituição do significado das EI. Ainda que este não decorra da soma dos significados das partes tomadas isoladamente, infere-se que pode haver alguma ligação entre o sentido literal dessas partes e o significado figurado global convencionalizado. Em alguns casos, é possível identificar graus de aproximação semântica entre o significado total da EI e alguma das facetas polissêmicas de uma ou mais de suas partes, dependendo do nível de opacidade ou clareza da EI (CRUSE, 1995). No tocante à forma dessas estruturas, não há um padrão sintático seguido, sendo possíveis inúmeras combinatórias. Todavia, é importante ressaltar que, embora comumente as EI sejam tratadas como estruturas **fechadas**, **fixas** ou **congeladas**, nota-se haver alguma flexibilidade para variações quando são empregadas em um contexto discursivo.

A esse respeito, Cabré (1999, p. 85) ensina que: “Todo processo de comunicação comporta inerentemente variação, explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo conceito (sinonímia) ou em um distanciamento significativo de uma mesma forma (polissemia) [...]”. No caso das EI, contudo, essas formas alternativas – variantes – esbarram em limites de convenção e/ou sentido. Assim, por exemplo, as variantes **pôr as**

barbas de molho e **colocar as barbas de molho**, por convenção, equivalem-se, entretanto, **pôr os cavanhaques de molho** não, embora **barba** e **cavanhaque** pertençam ao mesmo campo semântico. Por outro lado, **acertar na mosca**, **acertar no alvo** e **acertar em cheio** possuem significado similar, ainda que **mosca**, **alvo** e **cheio**, isoladas, não mantenham relação de sinonímia/parassinonímia, nem mesmo pertençam ao mesmo campo semântico. Entretanto, quando analisadas no conjunto passam a ser sinônimas.

Isso demonstra quão complexas são as EI, seu modo de constituição e funcionamento, além de revelar “[...] uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções” (XATARA, 1997, p. 148).

2.1 Expressões idiomáticas, discurso e contexto discursivo

Uma unidade lexical qualquer, considerada isoladamente, possui uma base semântica que a alimenta com seu significado primeiro, um sentido literal. Contudo, isso não quer dizer que esse significado seja primitivo e os demais, que compõem seu campo conceitual, sejam de algum modo subordinados ou dependentes daquele primeiro (BIDERMAN, 2001). Disso decorre que uma unidade lexical não é absolutamente vazia de sentido no sistema – *langue*, nos termos de Saussure. É, todavia, na aplicação no discurso – aqui entendido como o domínio da linguagem em uso – que essa unidade lexical se atualiza – *parole* – e, portanto, ganha sentido.

Se a significação dos signos nasce de um contexto (HJELMSLEV, 1961), o mesmo entendimento pode ser estendido às EI, pois, embora sejam estruturas (relativamente) fixas, guardam potencialidade para variações de forma e/ou sentido quando no discurso. Ademais, conforme ensina Andrade (2010, p. 76), “[...] o texto deve ser observado não apenas em relação ao que está dito, mas também às formas da maneira de dizer, pois estas permitem uma leitura dos implícitos que se revelam e evidenciam a interatividade [...]”. Dentre as possíveis maneiras de dizer, está a escolha por uma EI em lugar de outra unidade lexical, que acrescenta ao texto e, por conseguinte, ao discurso, traços de expressividade, além de trazer consigo um condutor argumentativo que, embora de modo implícito e subjetivo, dentre outros efeitos, desloca a responsabilidade daquilo

que está sendo dito da voz do locutor para a voz da “sabedoria popular”, uma visão coletiva acerca de algo.

Ademais, em certos casos, as EI podem contribuir para amenizar informações ao dizer de modo indireto algo que carece de eufemismo. Assim, ao dizer: “O senhor Alberto **deu o último suspiro** há poucos minutos”, um médico busca suavizar a notícia da morte. Percebe-se que o uso de EI, em lugar de outras formas que digam (mais ou menos) aquilo mesmo, é parte da estratégia discursiva e das intencionalidades comunicativas. Acerca disso, Duarte (2006) lembra que as EI em ação ilustram como estas podem dar azo a múltiplas adequações por força do co(n)texto e da intencionalidade discursiva. Ademais, o contexto discurso age como uma força motivadora da desfixação ou descongelamento das EI, tendo em vista as necessidades impostas por esse, em favor da melhor representação discursiva. Isso explicaria ocorrências como “**deu uma concha de chá**” (FEBRE FILMES TV, 2012).

Se por um lado, o discurso pode provocar alterações em uma EI, por outro, a EI também produz efeitos no discurso, pois atribui um valor perlocutivo àquilo que poderia ser dito de modo meramente declarativo, conotativo ou relativamente neutro. Note-se que em: “[...] Naquele momento eu já sabia que **não podia nem pensar em colocar o cavalo na chuva. Ia me poupar o trabalho de tirar** ele de lá depois” (ESCRITO A TINTA, 2010), a EI **tirar o cavalinho da chuva** – “desistir de um propósito, de um intento, reduzir as pretensões, não ser bobo (URBANO, 2018, p. 105);” – sofreu alteração na forma e no sentido para atender às necessidades pretendidas pelo autor, cuja intenção era expressar e enfatizar a completa impossibilidade do insucesso.

Esse tipo de desconstrução somente é possível porque as EI são um tipo de código relativamente comum/popular entre os usuários de uma língua. Sobre isso, Hall (2003, p. 393) lembra que “[...] não há discurso inteligível sem a operação de um código. [...] Naturalismo e ‘realismo’ [...] é o resultado, o efeito, de certa articulação específica da linguagem sobre o ‘real’. É o resultado de uma prática discursiva”. Contudo, ao mesmo tempo que se possam realizar adaptações condicionadas às necessidades e demandas do uso, as EI devem manter alguma ligação com o cerne formal e/ou semântico original de modo que não ocorram prejuízos na comunicação.

3 Teorias terminológicas

Dentre as teorias terminológicas vigentes, entende-se que a variação terminológica insere-se no âmbito da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré (1993,1999), uma teoria descritiva de base linguística (ALMEIDA, 2006), que considera não apenas os aspectos comunicativos concernentes às linguagens de especialidades, mas também compreende as unidades terminológicas como parte da linguagem natural e da gramática das línguas (KRIEGER; FINATTO, 2004), além de compreender a Terminologia como um campo interdisciplinar, o que amplia sobremaneira as possibilidades de interface entre as ciências.

A TCT tem como pressupostos: (i) a centralidade nos termos como objeto; (ii) o termo e a palavra desempenham uma e outra função dependendo da função comunicativa; (iii) os níveis do lexical ao textual podem veicular conhecimento especializado; (iv) os termos devem ser observados em contexto discursivo; (v) as variações conceitual e denominativa devem ser consideradas; (vi) da perspectiva cognitiva, as unidades terminológicas subordinam-se a um contexto temático, ocupam um lugar preciso em um mapa conceitual e seu significado vincula-se a esse lugar (ALMEIDA, 2006; CABRÉ, 2003). Para a variação terminológica, tanto a temática quanto o grau de abstração são determinantes pelos seguintes parâmetros: (i) grau de abstração – dependência com temática em si, os destinatários e as funções comunicativas do usuário; (ii) propósitos comunicativos – determinados pelos tipos de texto consoante suas funções e objetivos; (iii) estilo pessoal – marcas pessoais do usuário; e (iv) dialetos geográficos, históricos e/ou sociais – diferenças marcadas por usuários de diferentes localidades, de diferentes períodos no tempo e/ou por círculos sociais diferentes (CABRÉ, 1993).

Por fim, é possível verificar que as diferenças na conceitualização de termos operam em função de fatores externos à definição, subdivididas por Cabré (1999) em variação horizontal e vertical. A primeira seria determinada, de modo geral, pela temática (domínio) e pela perspectiva (ponto de vista da abordagem). Já a segunda congregaria mudanças conceituais de acordo com o nível de especialidade e com ato comunicativo (o tipo de texto e contexto no qual se insere).

3.1 Variação terminológica

Conforme visto, a TCT considera os termos tomados em contexto e, assim como qualquer componente da língua, são passíveis de interferências internas e externas ao texto. A variação terminológica, portanto, é um processo imanente aos termos, bem como ocorre a outros itens lexicais. Segundo Cabré (1999, p. 136), “[a TCT] integra, teórica e metodologicamente, a variação linguística, tanto formal como conceitual e assume que os termos estão associados a características gramaticais (a todos os níveis de representação) e pragmáticos”. São, portanto, itens da língua que funcionam sob a égide de suas regras.

No tocante à tipologia, a variação pode ser: denominativa ou conceitual. A denominativa refere-se às diferenças formais, ligadas a aspectos pragmáticos e preferências de uso, determinadas pelas experiências do usuário. Para Cabré (2008) e Fernández-Silva (2010), esse tipo pode ocorrer com consequências cognitivas – um mesmo conceito representado por diferentes denominações cujos significados são aproximados, mas não idênticos (CABRÉ, 2008; FREIXA, 2002) –; ou sem consequências cognitivas – um mesmo conceito representado por diferentes denominações que se equivalem semanticamente.

Já a variação conceitual refere-se às diferenças de conteúdo que, segundo Kostina (2011, p. 36), é um “[...] processo cognitivo que conduz a mudanças em um conceito e se manifesta formal e semanticamente em graus diferentes de equivalências entre os sentidos de uma unidade léxica ou entre os sentidos de suas variantes léxico-semânticas”. Nesses casos, a variação implica em alterações do conteúdo semântico das unidades lexicais que operam em diferentes graus em um *continuum* de variação de significado.

4 Variação terminológica e expressões idiomáticas: interfaces

No contexto desta proposta, para que seja proveitosa a interface entre os preceitos que orientam o estudo da variação terminológica e as possíveis correlações com as variações nas EI, vale lembrar o estabelecimento da correspondência entre termo e EI, tomando-se, portanto, estas últimas como sendo termos, dada sua estrutura composicional que carrega

em si um conceito (expresso em sentido figurado). Assim, conforme menciona Sánchez (2013, p. 84):

Do ponto de vista pragmático e cognitivo, as formas de conceptualizar uma mesma realidade que se encontram de baixo do guarda-chuva da variação denominativa incluem unidades que, longe de poder entender-se como sinônimos totais ou parciais, revelam motivações situadas derivadas do contexto, entendido no sentido amplo e dinâmico.

No âmbito das EI, citam-se as inumeráveis maneiras de nomear, por exemplo, a morte: **bater as botas; subir no telhado; abotoar o paletó de madeira; dormir o sono eterno** etc. Embora essas EI já sejam variações de conteúdo, por excelência, também podem sofrer variações denominativa quando em uso: “O universo já está em declínio, e caminhará suavemente rumo à idade avançada. O universo basicamente se sentou no sofá, pegou um cobertor, está prestes a cair no sono e dar início a um **cochilo eterno** [...]” (YAHOO NOTÍCIAS, 2016, grifo nosso). Nesse excerto, compara-se o universo a uma pessoa idosa e, de modo a amenizar sua morte, suaviza-se ainda mais a EI que já é usada como eufemismo, mudando “sono” para “cochilo”, mas mantendo a compreensão de que se trata da morte (do universo).

No tocante à variação conceitual, partindo-se das seguintes premissas: (i) a variação é inerente à linguagem, seja esta especializada ou não especializada; (ii) a variação implica mudança parcial ou completa; (iii) a precisão não exclui a variação; (iv) em uma unidade lexical, varia tanto o plano da forma como o plano do conteúdo; não obstante, a invariável sempre estará no plano do conteúdo, mais precisamente, na zona nuclear do conceito descrito por essa unidade (KOSTINA, 2011). Pode-se dizer que apenas (iii) não se aplica às EI, uma vez serem unidades lexicais que tendem à subjetividade. Já (i) é convergente, pois as EI pertencem à linguagem cotidiana, não especializada; (ii), a variação de forma acarreta mudança parcial ou completa de sentido, o que explica a relação com (iv), pois a variação pode atingir forma e/ou conteúdo, como ocorre em **secar gelo e enxugar gelo**: a mudança de forma não implicou na mudança de conteúdo. Já em **dar um/quebrar o gelo**, significando, respectivamente “tratar com frieza” e “tornar o ambiente mais amigável”, a mudança na forma implicou na mudança de conteúdo. Em geral, mas não necessariamente, a mudança de significado pode ser mais

claramente verificada quando o verbo é parte constituinte da EI. Ademais, cumpre mencionar que é comum que haja a (co)ocorrência de EI variantes sem que haja a prevalência de uma em detrimento da outra. Assim, convivem **descascar o abacaxi/a manga**, com mesmo significado.

Assim, pode-se asserir que variação pode ser denominativa e/ou conceitual. A denominativa vincula-se às variações nos aspectos formais das EI. Duarte (2006, p. 31) destaca três aspectos que podem implicar em variações da EI no contexto discursivo: (i) negação – Ele **não** pôde **colocar as barbas de molho**; (ii) antonímia – Ele **tirou as barbas de molho**; e (iii) diminutivo – Ele **pôs as barbichas de molho**. Além dessas, outras necessidades discursivas podem provocar alterações na estrutura formal e semântica da EI: adequações número-pessoais e/ou modo-temporais. Assim, **pisar em ovos** no texto a seguir apresenta-se com a adequação em destaque: “Em Cuba, papa **pisará em ovos**. [...] o Papa Francisco deverá pedir mais liberdade para a Igreja Católica, mas só muito sutilmente defenderá as liberdades públicas. [...]” (ROSSI, 2015, grifos nossos).

A variação conceitual, pensando em EI, relaciona-se, primeiramente, à transposição do sentido literal das partes para o sentido figurado do conjunto. Dessa forma, os sentidos literais de “morrer” – perder a vida; falecer – e “grana” – dinheiro –, quando em **morrer numa grana**, ganham o sentido de “ser obrigado a gastar muito dinheiro” (MELLO, 2009, p. 321). Esse tipo de variação parece ser inerente às EI quando postas em relação ao sentido literal de suas partes, dado que, em maior ou menor grau, comportam a variação do sentido literal para o sentido figurado. Entretanto, também se relaciona ao sentido adquirido quando aplicadas ao discurso: **ter uma pedra no sapato** pode significar “ter um problema” ou “ter uma desconfiança” (URBANO, 2018, p. 239) e a opção por um ou outro significado será definida pelo contexto discursivo.

Ambos os tipos de variação podem ocorrer simultaneamente, em sobreposição, como em: “Finalmente alguém **choveu no seco** e parou de chover no molhado”. Nessa ocorrência, a EI em destaque, além de o verbo ter sofrido adequações, teve um de seus elementos alterado (variação de forma), o que acabou por alterar o significado (variação de conteúdo), passando a ser algo como “contar uma novidade, trazer informação nova”.

Acerca do verbo, vale mencionar que nem sempre ele é considerado como parte constituinte da EI, porém, há de se admitir que a construção do sentido depende de um

elenco mais ou menos limitado de verbos que ora mantém, ora altera esse sentido. Além disso, de algum modo, o verbo pode operar justamente como elemento responsável por uma variação conceitual e/ou denominativa. A título de exemplo, considere-se **circo pegar fogo**. Os verbos associados à EI são: “ver/olhar/observar” e “querer” (URBANO, 2018). Com os três primeiros, o significado seria “observar uma confusão”, já com “querer”, passaria a ser “desejar que o pior aconteça”. Observe-se o excerto a seguir:

Embora sem surpresa, o cobrador coçou a cabeça. Sabia de experiência própria que passageiro nenhum quer entrar numa fria. Ficam de camarote, **espiando o circo pegar fogo**. Teve, pois, que sair do seu trono, pobre trono de trocador, fazendo a difícil ginástica de sempre (ANDRADE, 1978, p. 73 – grifo nosso).

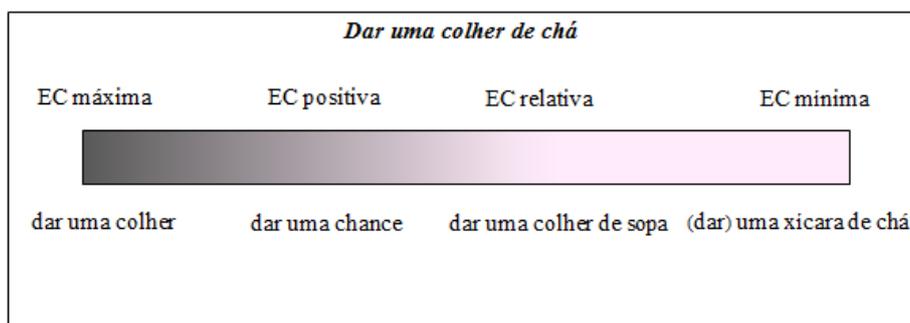
Nesse caso, a variação ocorre na escolha inovadora de “espiar” em lugar das opções recorrentes e do uso do gerúndio denotando evento em processo. Mais do que emprestar ação à EI, o verbo opera como um graduador: não se olha, vê ou observa, mas espia. De acordo com o que se verifica no contexto, não havia um desejo que houvesse confronto, daí a opção por um verbo que manifestasse uma ação de espreita, de observação oculta/indireta. Fica marcada a intenção de distanciamento, ainda que, se esperasse pelo pior (o circo pegar fogo).

Embora haja certa equivalência entre **ver** e **espiar o circo pegar fogo**, a opção por **espiar** altera o sentido global do discurso, assim como corrobora o argumento de que a EI varia em função do contexto discursivo. Ademais, **pegar fogo**, em sentido literal, transfere alguns aspectos para a EI significando **incendiar** – sem que, porém, seja plausível a substituição por esse equivalente – em acepção a uma situação desastrosa/desagradável. Já **circo** (tenda de lona), em sentido literal, desvincula-se em grau máximo do sentido figurado adquirido: **acontecimento/situação**. Portanto, neste último caso, os sentidos literal e figurado têm grau quase nulo de equivalência.

Para Kostina (2011), a variação conceitual manifesta-se formal e semanticamente em diferentes graus de equivalência entre variantes semânticas (conteúdo) ou variantes denominativas (forma) no discurso. Assim, não havendo equivalência conceitual (EC) absoluta, haveria “um *continuum* projetado sobre um eixo que compreende diversos segmentos correspondentes a diferentes graus: da EC máxima ao grau de EC mínima” (*ibidem*, p. 39). No caso das EI, a equivalência deve atingir o conjunto semântico, tendo em vista sua “mudança semântica particular” (CRUSE, 1995, p. 132). Como forma de

mensurar esses diferentes graus, Kostina propõe uma escala que vai da EC máxima à mínima. Ainda que seja improvável e pouco possível determinar as fronteiras que encerram cada uma delas, de modo prototípico, pode-se utilizar o gradiente a seguir para ilustrar:

Figura 1 – Continuum de equivalência conceitual (EC)



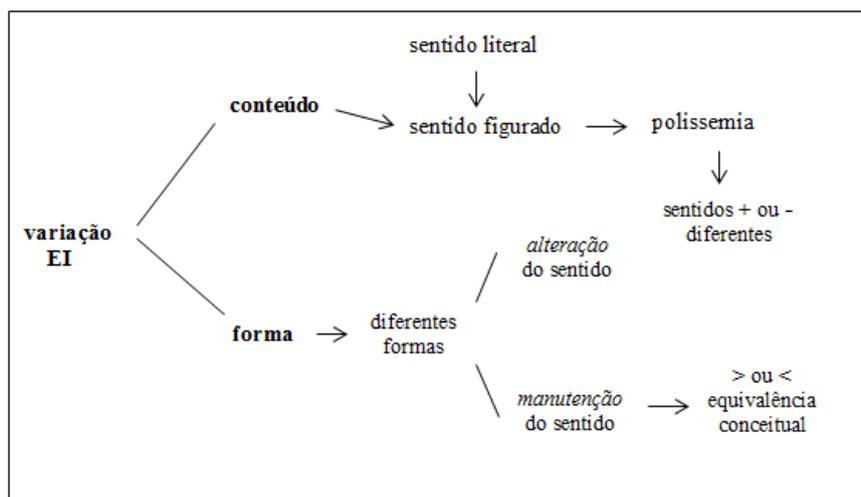
Fonte: adaptado de Kostina (2011, p. 40)

Com base na Figura 1, pode-se entender que a variante **dar uma colher** seria o grau máximo de equivalência com a EI referência. Assim, considere-se: “– Tou contratada? Vamos, **não me negue uma colher de chá**. Eu sei que você pode fazer isso por mim. [...] Porque você não diz logo que vai me ajudar? [...]” (ANDRADE, 1984, p. 26, grifo nosso). A variante ocorre no verbo (dar → negar), considerando que o objetivo pretendido seria pedir que uma oportunidade não fosse negada. Acrescente-se que Freixa (2002) entende haver problemas fundamentais levantados pela sinonímia semântica, que implica na dificuldade teórica para o estabelecimento da igualdade de sentido, que se distingue entre graus de sinonímia e a sinonímia do sistema e fala, de modo que embora se pareçam, os sinônimos sempre terão traços semânticos distintivos.

No caso do exemplo, também seria possível atingir um sentido aproximado utilizando-se **dar uma chance/não me negue uma chance**, daí a EC ser positiva na escala de Kostina (2011). Já, **dar uma colher de sopa/não negar uma colher de sopa**, embora ainda mantenha conexão com a EI referência, traria a ideia de uma oportunidade/chance maior, pois, no sentido literal, a colher de sopa é maior do que a de chá, daí a EC ser relativa. Por outro lado, compreender **(dar)uma xícara de chá/não me negue uma xícara de chá**, denotando uma (enorme) oportunidade, exigiria necessariamente sua inserção em contexto que conduzisse a essa interpretação, afinal, isoladamente a interpretação do sentido literal em primeira instância seria mais provável.

Por fim, com intuito de contribuir com o modelo de Kostina, sugere-se, no contexto desta pesquisa, o acréscimo do grau de EC nula. Nesse caso, ocorreria a EC nula quando a mesma forma da EI fosse tomada em seu sentido literal, no qual **uma colher de chá**, considerando o contexto, é tomada em sentido denotativo, como ocorre no elenco de ingredientes de uma receita, por exemplo. Assim, propõe-se o seguinte resumo esquemático:

Figura 2 – Resumo esquemático de variação nas EI



Fonte: elaboração própria.

Embora as EI sejam tidas como estruturas fixas/congeladas/cristalizadas, verifica-se que em uso podem variar quanto à forma e/ou ao conteúdo. No primeiro caso, os lemas que compõem as EI passam a significar em sentido figurado e em bloco. Esse seria um primeiro nível de variação. Além disso, as EI também podem apresentar graus de polissemia, apresentando sentidos mais ou menos diferentes em uso. No segundo caso, as EI podem apresentar formas diferentes, acarretando em alteração ou em manutenção do sentido, com maior ou menor grau de equivalência conceitual entre as diferentes formas.

5 Considerações finais

As expressões idiomáticas (EI) sintetizam, em seus arranjos não composicionais, um modo de ver o mundo. Embora sejam de difícil definição, pode-se afirmar que essas são estruturas complexas e relativamente fixas, cujo significado decorre do conjunto que pode

variar em função do contexto no qual se inserem. Este artigo buscou estabelecer uma interface entre a variação das EI fazendo uma interface com conceitos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Mesmo tomadas isoladamente, as EI possuem uma base semântica que se preenche no e pelo discurso. O contexto discursivo acrescenta, assim, uma (pen)última camada na construção do sentido dessas expressões. Portanto, o estudo contextual de unidades lexicais é a via válida quando o que se pretende é observar suas características reais (FREIXA, 2002).

As EI podem apresentar níveis de variação quanto à forma e ao conteúdo. Tomando-se o sentido literal como ponto de partida, pode-se conceber que as EI, por si, são uma variação de sentido, posto que são um modo de dizer não literal por meio das formas literais que abandonam, em maior ou menor grau, quando dispostas no conjunto, estabelecendo equivalência conceitual que podem ir da máxima até a mínima (KOSTINA, 2011) ou nula, conforme propõe este estudo.

A TCT, por meio dos estudos de Cabré (1993; 1999; 2003; 2008), Freixa (2002) e Kostina (2011), forneceram os elementos metodológicos para uma análise interdisciplinar acerca das EI. Primeiramente, pode-se dizer que a variação nas EI atua em níveis de equivalência conceitual com maior ou menor grau em relação à EI referência. Ademais, o contexto, além de fornecer, a (pen)última camada de significação, opera também como um agente de variação.

Ainda são raras as pesquisas que (co)relacionam as EI e contexto discursivo, analisando as possíveis causas e os prováveis efeitos que este provoca naquelas. Desse modo, diferentes abordagens, que possam contribuir para a compreensões e implicações dessa (co)relação, são relevantes. Esta foi apenas uma contribuição inicial a esse possível enfoque de análise, deixando em aberto inúmeras possibilidades de estudo que considerem pormenores das pesquisas terminológicas.

Referências

ALMEIDA, G. M. B. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. **Alfa**, n. 50, v. 2, 2006.

ANDRADE, C. D. Tem cada uma na vida. **Boca de luar**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANDRADE, C. D. Recalcitrante. **70 historinhas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1978.

ANDRADE, M. L. C. V. de O. Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas. **Forma y Función**. v. 23, n. 2, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CABRÉ, M. T. C. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. C. **Terminología**: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, M. T. C. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. **Terminology**, v. 9, n. 2, p. 163-200, 2003.

CABRÉ, M. T. C. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico em terminología. **Ibérica**. n. 16, 2008.

CRUSE, D. A. Polyssemy and related phenomena. *In*: SAINT-DIZIER, P; VIEGAS, E. (eds.). **Computational lexical semantics**. Cambridge, United Kingdom, Cambridge University Press, 1995.

DUARTE, M. S. de A. **As Expressões Idiomáticas na língua e no discurso** – um olhar sobre as crônicas de Miguel Esteves Cardoso. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2006.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. **Text**. n. 20, v. 1, p. 29-62, 2000.

ESCRITO A TINTA. A filha do chefe. **Em busca do amor** – parte 5, out. 2010. Disponível em: <https://escritoatinta.wordpress.com/category/rascunhos/>. Acesso em: 14. abr. 2021.

FEBRE FILMES. Erro coloca credibilidade de BBB12 em maus lençóis. **Blog Febre Filmes**. 27 mar. 2012. Disponível em: <http://febrefilmes.blogspot.com/2012/03/erro-coloca-credibilidade-de-bbb12-em.html>. Acesso em 13 abr. 2021.

FERNÁNDEZ-SILVA, S. **Variación terminológica y cognición**: factores cognitivos en la denominación del concepto especializado. Tesis. Universitat Pompeu Fabra: UPF/ANY, 2010.

FREIXA, J. **La variació terminològica**: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especializació de l'àrea de medi ambient. Tesis. Barcelona, Universitat de Barcelona: Barcelona, 2002.

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, representação da Unesco no Brasil: Humanitas, 2003.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Série Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1961.

KOSTINA, I. Clasificación de la variación conceptual de los terminos basada en la modulación semántica discursiva. **Lenguaje y cultura**, v. 16, n. 27, 2011.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

MELLO, N. C. **Conversando é que a gente se entende**: dicionário de expressões coloquiais brasilerias. São Paulo: Leya, 2009.

ROSSI, C. Em Cuba, papa pisará em ovos. **Folha de S. Paulo**. Colunistas. 18. set. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2015/09/1683511-em-cuba-papa-pisara-em-ovos.shtml>. Acesso em: 14. abr. 2021.

SÁNCHEZ, M. T. Una perspectiva situada de la variación denominativa. **Debate Terminológico**. S/l. n. 9. 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/37173>. Acesso em: 14. abr. 2021.

URBANO, H. **Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares**: desatando nós. São Paulo, Cortez, 2018.

VILELA, M. As Expressões Idiomáticas na língua e no discurso. **Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP**. CLUP, v. 2, Porto, 2002.

YAHOO NOTÍCIAS. **Não entre em pânico, mas cientistas afirmam que o universo está morrendo**. fev. 2016. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/n%C3%A3o-entre-em-p%C3%A2nico-mas-cientistas-afirmam-que-o-121112468.html>. Acesso em: 14. abr. 2021.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Revista Alfa**, v. 41, 1997.

Recebido em: 24 de setembro de 2020

Aceito em: 10 de abril de 2021

Publicado em abril de 2022

Fabiane de Oliveira Alves
E-mail: fabicatarse@yahoo.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8762-3996>
